



DE UM USO SINGULAR DO S1¹

Marcus André Vieira

O sentido e seu uso

Conhecemos os usos do sentido: apaziguar, adormecer, eventualmente sobressaltar, aterrorizar, em geral constituir uma acesso homeostático ao real . A psicoterapia, segundo Lacan (Televisão) tem nesta homeostasia seu fundamento, a psicanálise não está nem aí para isso (*s'en moque*) (cf. JAM "Psicanálise e psicoterapia"). Isto pode ser entendido como: ela trabalha com o sentido, ela respira sentido, mas não o tem como objetivo (a cura é "por acréscimo" etc). Que objetivo é esse? Que medida é essa da psicanálise que a distingue das psicoterapias (que têm por medida o sentido, que em última instância é sempre terapêutico). Que baliza ética é essa que a permite fazer com que a cura venha por acréscimo (e somente assim) e não que a cura seja seu objetivo primeiro?

Uma vez traçado este panorama, a questão levantada quanto ao lugar do sentido para a psicanálise se mostra premente. Afinal, não poderemos nos contentar apenas com um sentido cheio (conceito) que alimente, nem com um sentido vazio (ideal) que movimente, nem com combinações entre os dois.

É uma questão político-clínica (como todas as nossas). Com Hannah Arendt e Badiou (*Le siècle*), vemos como o século das revoluções nos ensinou que não somente a pretensão à verdade (platônica, por exemplo) do conceito pode ser nefasta, como também o ideal de depuração do sentido (na direção da estrutura), pois este nos nos compromete com a violência ou nos obriga à abstração (cf. "capa de proteção" de Célio). Com Lacan, se assimilamos a significação fálica ao sentido único, reencontramos outra formulação para mesma questão: Pode-se (ainda) trabalhar com a significação fálica (como nome do encontro entre saber e gozo) como premissa universal?

Este sentido único - o falo - para o gozo (evidentemente paradoxal, vazio e no infinito, mas dotado de uma certa universalidade), não seria hoje localizado (no século passado, por exemplo, ou nos neuróticos-padrão) e não mais universal? (cf. discussão de Derrida com Lacan *Le facteur de la vérité* em que insurgindo-se contra o falo como lugar da verdade sobre o gozo propõe em seu lugar a disseminação).

Uma vez localizado, o falo não passa a ser um sentido (vazio) como outros? Sujeito a consensos, acordos, etc, locais?

¹ Intervenção a partir de um texto de Célio Garcia.

Acredito que questão tenha como interlocutor privilegiado o pragmatismo: Como não ser pragmático quanto ao sentido hoje, uma vez que o sentido único ficou no século passado?

Lacan nos possibilita esta leitura quando define o gozo em oposição ao útil? (cf abertura do Sem XX). Basta assimilarmos o sentido ao útil (mesmo que Lacan não o tenha feito explicitamente) a partir de uma definição do sentido associada a seu valor de uso (Cf. Wittgenstein *meaning as use* e Austin *meaning is use*). Essa definição resolve a dificuldade de se delimitar o sentido sem recurso ao falo (sentido e significação por exemplo, como distingui-los sem recorrer ao falo como paradoxal sentido sem-sentido?) associando-o com um decisão essencialmente pragmática. A questão desloca-se, porém, para o gozo, pois se o gozo é definido a partir do sentido como uso, ele perde o sentido (pois não serve para nada), cai no campo das proposições sem sentido. Em outros termos, o pragmático pode viver sem uma medida universal para o sentido desde que nada possa dizer sobre o gozo.

Que saída indica Lacan?

Como vemos, tanto precisamos de uma aproximação pragmática do sentido (como uso) quanto de algum tipo de disjunção entre uso e sentido.

É o que faz Lacan ao supor um uso do não-sentido, por exemplo, no famoso aforisma: 'é possível dispensar o Nome do Pai sob a condição de se servir dele' (sem. O Sinthoma, 13/4/76).

Este aforismo indica que pode-se servir de um significante sem-sentido, o NDP (O NDP é análogo ao nome próprio e ao S1: ele é, sem que se possa explicar porquê (S2) cf. JAM "De la nature des semblants").

Relê-se assim uma noção cara a Lacan (um significante fora da cadeia, S1, é o paradoxal significante sem sentido que condiciona o sentido) da seguinte forma: Nem tudo o que serve tem sentido. Temos aqui um exemplo do uso de algo sem-sentido.

Gostaria de trazer um exemplo mais preciso. Em introdução a *Scilicet* Em vez de apoiar-se no sentido da assinatura. Do nome próprio como marca de um ego, da fixação de uma "boa figura", da citação universitária como indicação que se leu "os grandes" e que se é um grande no pé de página, Lacan aposta no nome próprio de duas outras formas:

1. Como fora da cadeia (NDP): é o caso de seu próprio nome. Lacan se situa fora da cadeia dos autores. Ele define seu nome como próximo a um NDP, pois não pode ser escamoteado senão retorna no real (*Autres Écrits*, p. 287).
2. Como apagado: que é distinguido da ausência do nome. Esta distinção recobre àquela, proposta por ele, entre anonimato e não-assinado (p. 285).

Creio que o importante é notar que nos dois casos, um nome do pai "localizado" delimita um pool restrito de possibilidades de sentido. Nesta revista, o sentido poderá de desenrolar (nos textos publicados) a partir de um não-sentido fundador (O Nome "Lacan", e o apagamento dos nomes próprios). Liberta-se, assim, de um uso puramente pragmático do sentido (do tipo: "convenção terapêutica" entre os dois protagonistas do teatro da psicoterapia) e ao mesmo tempo permite-se que se produza saber sem uma orientação comum, um sentido primordial.